



Livia Delgado Leandro da Cruz



Saionara Figueiredo Santos



Luciana Pereira Lindenmever



Tahis Regina Baú

ENTREVISTA

“Mulheres na Ciência”

DOI: <https://doi.org/10.35700/2316-8382.2024.v2n15.3788>

O projeto “Diálogos Acadêmicos” nasceu em 2022, com o objetivo de promover debates visando qualificar os processos editoriais, assim como promover a discussão de temáticas atuais. A presente seção é um espaço de diálogo para aprofundar tópicos que surgiram durante a live “[Mulheres na Ciência](#)”, da Mostra de Iniciação Científica e Tecnológica do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), conduzida por três autoras de artigos do Dossiê Temático “Mulheres na Ciência”, da Revista RTC: Livia Delgado Leandro da Cruz, Luciana Pereira Lindenmeyer, Saionara Figueiredo Santos, e uma quarta convidada, a docente Tahis Regina Baú, do câmpus São Miguel do Oeste, que foi uma das cinco pesquisadoras do IFSC que receberam uma homenagem da Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina, em alusão a mulheres cientistas que atuam no estado.

Representando a Revista RTC, Alexnaldo Teixeira Rodrigues conduzirá a entrevista com as quatro convidadas. Alexnaldo é Doutor em Estudos Interdisciplinares Sobre Mulheres, Gênero e Feminismo, pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Mestre em Educação (UFBA), e Especialista em Projetos Sociais e Políticas Públicas (SENAC), além de Especialista em Educação Digital (UNEB). Ele também possui Graduação em Filosofia (UFBA) e em Pedagogia (UNIFAVENI), e atua como docente do Curso de Filosofia (UEFS); e docente Titular da Fundação Victor Civita (FVC), com as seguintes frentes: Ética do Cuidado, Ensino de Filosofia, Filosofia da Educação, Formação Docente, Relações de Gênero, Filosofia Política e Ética, Feminismo, Direitos Humanos.

A primeira entrevistada será a pesquisadora Livia Delgado Leandro da Cruz, que é Bacharela em Gestão de Políticas Públicas pela EACH-USP, licenciada em Pedagogia pela UNIVESP e Mestra em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Culturais da EACH-USP. É integrante do grupo de pesquisa INTERFACES e do projeto Banca da Ciência, tendo atuado na linha de interesse "E.M.M.A. - Estudos sobre as Mulheres e as Minorias na Arte-Ciência". Atuou como formadora nos programas de desenvolvimento profissional docente "Repensando o Currículo" e "ATIVAR", oferecidos pelo Núcleo de Pesquisas em Novas Arquiteturas Pedagógicas (NAP-FEUSP). Atualmente, é professora de educação básica na rede municipal de Sorocaba.

Revista RTC: Durante sua participação na live 'Diálogos Acadêmicos: Mulheres na Ciência', você mencionou o papel da ficção científica na reflexão sobre questões de gênero na Ciência. Como você vê a influência dos produtos culturais midiáticos na formação de identidades e visões de mundo, especialmente na promoção da igualdade de gênero? E quais são os benefícios específicos que esses artefatos culturais podem trazer para a promoção da igualdade de gênero na Educação?

Livia: Os produtos culturais veiculados pela mídia, como as séries e filmes, não se tratam somente de entretenimento, elas também exercem pedagogias culturais, isto é, também nos ensinam. No que diz respeito à discussão sobre igualdade de gênero, a representação feminina na mídia impacta na criação de um senso comum de como são e como devem ser as mulheres, bem como de quais posições devem ocupar na sociedade. Dessa forma, uma análise crítica de produtos culturais que estereotipam essas mulheres e, principalmente, o consumo de obras que trazem representatividade apresentam potencial para a discussão desses temas de maneira mais aprofundada.

Revista RTC - Considerando a representação das mulheres na ficção científica, quais desafios você percebe na promoção de uma imagem mais diversificada e realista das cientistas mulheres? Além

disso, como você acredita que essa mudança na narrativa pode impactar a percepção pública das mulheres na Ciência e inspirar futuras gerações?

Livia: O cinema de ficção científica, sobretudo hollywoodiano, tem função central na criação de um imaginário no que diz respeito à Ciência, criando imagens que permanecem como mitos sociais. Esse imaginário da Ciência, perpetuado pela mídia, tradicionalmente é associado a uma figura masculina e eurocêntrica, de modo que o cinema nunca conseguiu libertar-se do principal estereótipo da mulher cientista: o da assistente de pesquisa subordinada ao cientista masculino (ELENA, 1997). Lentamente temos visto esse cenário mudando, sobretudo quando se trata de cinebiografias como “Estrelas Além do Tempo”, que apresentam a história de mulheres notáveis até então pouco conhecidas. Portanto, histórias que apresentam modelos positivos a serem seguidos podem servir de inspiração e incentivo para o ingresso de meninas e mulheres em áreas científicas, tradicionalmente tidas como masculinas.

Revista RTC: Você mencionou atividades de intervenção lúdica como parte do projeto Banca da Ciência, realizado em colaboração com a USP, Unifesp e Instituto Federal de São Paulo. Poderia compartilhar conosco algumas dessas atividades e como elas foram eficazes em engajar jovens em vulnerabilidade social?

Livia: No contexto do projeto Banca da Ciência, a linha de interesse e grupo de intervenção “E.M.M.A. - Estudos sobre as Mulheres e as Minorias na Arte-Ciência” foi um espaço de debate e realização de atividades lúdicas, cujo objetivo principal era estimular a reflexão sobre as relações de gênero, raça e alteridade que permeiam o campo das Artes e da Ciência. Formado por estudantes de graduação e pós-graduação, a atuação no âmbito da extensão universitária ocorria principalmente a partir de atividades em escolas e em um centro para crianças e adolescentes, por meio da exibição de filmes e mediação de atividades lúdicas que incluíam rodas de conversa, criação de murais, ilustrações, encenações, mímicas, isto é, diversas estratégias para a discussão desses temas.

Revista RTC - Durante sua participação na live, você falou sobre a importância dos estudos culturais na educação. Como esses estudos foram/são aplicados especificamente no projeto Banca da Ciência e qual foi o impacto observado?

Livia: O projeto Banca da Ciência existe há cerca de 15 anos, inicialmente a partir da cessão de bancas de jornal, utilizadas para atividades recreativas voltadas à divulgação científica escolar, envolvendo experimentos de baixo custo, bem como revistas, filmes, quadrinhos, jogos, brincadeiras, entre outros. A Ciência e a Arte sempre caminharam juntas no âmbito do projeto, de modo que a utilização de produtos culturais para se debater ciência é uma prática recorrente e que foi abordada em inúmeros artigos, pesquisas, dissertações e teses realizadas pelos integrantes do projeto (Piassi *et al.*, 2019).

Revista RTC: Você apresentou uma análise crítica do filme "Gravidade" em relação a temas como maternidade e representação feminina na Ciência. Poderia nos contar um pouco mais sobre essa análise e como ela contribui para o debate sobre igualdade de gênero na Ciência?

Livia: O filme “Gravidade”, consiste em um drama de ficção científica que narra a jornada de uma engenheira biomédica em uma missão espacial em meio a inúmeras adversidades. Assim, ao mesmo tempo em que vive o luto da morte de sua filha, a protagonista luta por sua sobrevivência em uma narrativa que evidencia uma metáfora ao renascimento e a ambiguidade entre a força e vulnerabilidade feminina. A protagonista participa da missão espacial, pois já não vê sentido em permanecer na Terra, em sua velha rotina com a ausência de sua filha. Ela carrega culpa pelo acidente da filha, mostra-se depressiva, gosta do silêncio do espaço e da fuga da realidade que ele representa. Já no final da narrativa,

já quase sem oxigênio em sua cápsula e em meio a uma alucinação, ela percebe que embora pareça positivo estar isolada, sentindo-se segura e sem que ninguém pudesse julgá-la, ela deveria encarar a realidade. Portanto, quando ela opta por viver, ela se liberta e consegue retornar à Terra. O filme foi mediado a partir da sua exibição e de uma série de atividades que propuseram finais alternativos à obra, evidenciando o quanto as mulheres ainda são restritas à esfera do cuidado.

Revista RTC: Durante a live “Diálogos Acadêmicos: Mulheres na Ciência” foram discutidas estratégias para enfrentar os desafios das mulheres no ambiente acadêmico e científico. Você poderia compartilhar algumas dessas estratégias e como elas podem ser aplicadas efetivamente?

Livia: Considerando que a desigualdade de gênero ainda marca o contexto da Ciência no Brasil, é fundamental promover espaços de debate e eventos, assegurar ambientes seguros, bem como garantir direitos a partir de leis. A Lei 13.536/2017 garantiu às cientistas, com bolsas de apoio à pesquisa, o direito à licença-maternidade sem perda do auxílio financeiro, inclusive em casos de adoção (Brasil, 2017). Em março de 2019, após a mobilização de um grupo de cientistas mulheres, o CNPQ passou a possibilitar a inclusão de dados sobre licença maternidade e paternidade no Currículo Lattes, principal plataforma de produtividade científica brasileira. Assim, a inclusão da data de nascimento e adoção de filhos, informação facultativa e sigilosa ao público em geral, pode ser utilizada para a avaliação de produtividade das/os pesquisadoras/es, que naturalmente é afetada durante esse período.

Revista RTC - No final de sua apresentação, você divulgou projetos relacionados à Ciência e às mulheres. Como esses projetos contribuem para promover a igualdade de gênero no ambiente acadêmico e científico, e como as pessoas podem se envolver ou apoiar essas iniciativas?

Livia: Atualmente, contamos com alguns projetos relacionados à Banca da Ciência que visam promover a igualdade de gênero na Ciência, bem como estimular o protagonismo juvenil. Alguns exemplos são o “Lab das Minas” (@labdasminas), cujo objetivo principal é a inserção das mulheres na Ciência e Tecnologia, e o “Tiquatilab” (@tiquatilab), Clube de Ciências do CEU Tiquatira. Ainda, o evento “Vai ter Menina na Ciência”, que acontece de forma presencial e *online*, tem como principal objetivo incentivar as estudantes a conhecerem carreiras relacionadas com Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei Nº 13.536**, de 15 de dezembro de 2017. Dispõe sobre a prorrogação dos prazos de vigência das bolsas de estudo concedidas por agências de fomento à pesquisa nos casos de maternidade e de adoção. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/Lei/L13536.htm>. Acesso em: 10 abr. 2024.

ELENA, A. Skirts in the lab: Madame Curie and the image of the woman scientist in the feature film. **Public Understanding of Science**, v. 6, n. 3, jul., 1997.

Estrelas Além do Tempo. Direção: Theodore Melfi. Los Angeles: 20th Century Fox, 2016. DVD (127 min.). Título original: Hidden Figures.

Gravidade. Direção: Alfonso Cuarón; David Heyman. Los Angeles: Warner Brothers, 2013. DVD (90 min.). Título original: Gravity.

PIASSI, L. P. C. ; REIS, G.; MCLURE, R. ; GOMES, E. F. ; SANTOS, F. R. ; OLIVEIRA, T. M. ; PUPO, S. C. ; TEIXEIRA, T. S. ; CRUZ, L. D. L. ; RODRIGUES, M. C. ; SANTOS, M. B. P. . Science Stand: A Brazilian Activist Science & Technology Outreach Initiative. **Journal for Activist Science & Technology Education**, v. 10, p. 1-11, 2019.

A segunda entrevistada será a Assistente social Luciana Pereira Lindenmeyer, que é Mestra em Educação Profissional em Saúde e Doutoranda em Sociologia, pela Universidade Federal do Ceará. Servidora da Fiocruz desde 2002, atualmente na área da Educação, coordena o Projeto Mulheres e Meninas na Ciência, na Fiocruz Ceará. Atua também na coordenação colegiada do Comitê Pró- equidade de Gênero e Raça da Fiocruz.

Revista RTC: Em sua participação na *live* “Diálogos Acadêmicos”, você trouxe uma série de aspectos relevantes relacionados à sua trajetória pessoal como mulher negra no campo científico, abordando os desafios enfrentados e as iniciativas em que está envolvida para promover a inserção de meninas na Ciência e a igualdade de gênero no ambiente científico. Durante sua fala, você mencionou ser mãe de uma menina autista. Como você percebe que a maternidade influenciou sua jornada acadêmica e profissional, especialmente considerando os desafios adicionais que podem surgir para mulheres que são mães e cientistas?

Luciana: O mundo como um todo tem muitos desafios para as mulheres. Para mulheres negras, ainda mais. Quando exercemos a maternidade sem um companheiro, a sobrecarga para dar conta de tudo é bem complexa. Quando somos responsáveis por crianças com deficiência fica tudo ainda mais complexo. Minha jornada como mulher negra, mãe de uma mulher autista traduz as dificuldades de uma linearidade que pessoas brancas, com privilégios trazidos pelo sistema da branquitude não enfrentam. Saí da faculdade direto para o mercado formal de trabalho (iniciado até mesmo antes de me formar), não tinha como opção seguir na universidade após a graduação e nem me via nessa área, era como se esse caminho científico e acadêmico não fosse para mim. Meu mestrado foi realizado em 2009, 10 anos depois de formada. O Doutorado somente em 2020. Uma trajetória de quem é mãe, de quem precisa se dedicar à criação da filha. As cientistas têm se unido para ampliar a visibilidade desses desafios e dessas desigualdades. Mulheres cientistas não podem ser penalizadas por serem mães, precisam ser compreendidas em suas complexidades. Não podem ser penalizadas por serem as responsáveis pelo cuidado de seus familiares com deficiência. A sobrecarga já é uma realidade, não pode recair sobre cobranças a artigos não publicados, produtividade criticada e outras tantas consequências. Tudo isso precisa ser revisto.

Revista RTC: Durante o período da pandemia da COVID-19, você e outras mulheres cientistas, com o apoio da Fiocruz, realizaram diversas *lives* abordando temas como racismo, padrões de beleza e empoderamento feminino. Considerando essa iniciativa, você acredita que é possível avaliar o impacto dessas transmissões no cotidiano das pessoas que participaram? Além disso, poderia explicar como essas discussões influenciam a participação das mulheres na Ciência e mencionar quais são os principais desafios enfrentados para expandir essas iniciativas?

Luciana: As *lives* surgiram na pandemia como uma forma viável de nos mantermos conectadas com essas meninas. Estimulando esse protagonismo e uma desenvoltura para falar ao público. As mulheres são ensinadas muitas vezes que têm menos capacidade e menos condições e o projeto também tem intenção de quebrar essas visões equivocadas. No momento da pandemia, poder estar com elas, conseguir adesão delas, para pautas que nem sempre são tratadas na escola, foi importante para ampliar esse sentimento de movimento mesmo que dentro de casa. Essas discussões de empoderamento feminino, racismo e padrões de beleza se relacionam com as dificuldades que elas enfrentam na vida e também, e que irão ver após

adentrarem na universidade. Dialogar sobre isso fará diferença na forma como elas chegarão na universidade, com mais elementos para ocuparem os espaços e reivindicarem direitos.

A terceira entrevistada será a docente e pesquisadora Saionara Figueiredo Santos, que é Pós-doutora pela Universidade de Buenos Aires, com pesquisas sobre Estudos de Gênero e Estudos da Tradução (O Corpo da Mulher Tradutora e Intérprete de Línguas de Sinais). É doutora em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e mestra em Educação Ambiental, pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Pedagoga, pesquisadora e atualmente professora da área de Tradução, no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC - Câmpus Palhoça Bilíngue). Participa do grupo de pesquisa NEPES - Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação de Surdos, do câmpus supracitado. Tem focado seus projetos na área da Educação Bilíngue para Surdos, Tecnologias de Informação e Comunicação para surdos, Análise Crítica do Discurso, Estudos da Tradução/Interpretação das Línguas de Sinais e Estudos de Gênero e Sexualidade. Participa do Núcleo de Estudos Afrobrasileiros e Indigenistas (NEABI) do Instituto Federal. Ativista pela causa indígena, pesquisa e atua com pesquisadores indígenas do IF Baiano - Campus Teixeira de Freitas - com ênfase na Educação Bilíngue, contextualizando a educação de povos indígenas surdos.

Revista RTC: Quais são os principais desafios que as profissionais da área de tradução e interpretação de Libras (Língua Brasileira de Sinais) enfrentam em termos de reconhecimento e valorização de sua *expertise*, considerando a feminização desse campo e as expectativas sociais associadas ao trabalho feminino?

Saionara: Eu sempre gosto de traçar similaridades, porque acho que facilita a visualização dessa especificidade. Podemos iniciar pensando em profissões que remetem ao cuidado (professoras de séries iniciais, cuidadoras de pessoas idosas, professoras/cuidadoras de pessoas com deficiência, enfermeiras, entre outras) são automaticamente relacionadas à *persona* feminina. Dessa forma, não ia ser diferente no caso da Educação de Surdos, já que insistem em serem compreendidos como pessoas completamente dependentes e deficientes. Entendo que a visão da profissão feminizada é sim um mecanismo patriarcal, espelho da nossa sociedade estruturalmente machista, que atribui todos e qualquer cuidados às mulheres. A situação não é diferente no campo da Tradução/Interpretação; somos muitas e somos a maioria exatamente por essa contextualização histórica. Para tanto, como bem delineado na pergunta, os desafios no âmbito da profissão para uma tradutora e intérprete (além dos desafios relacionados à competências) vão envolver machismo, assédio, abuso de poder, entre outros fenômenos estruturais.

Revista RTC - Considerando que a inclusão é essencial para o avanço da Ciência, como você vê o potencial dos diversos campos científicos em se beneficiar do trabalho de tradução e interpretação de Libras (Língua Brasileira de Sinais)? Como você imagina que essa abordagem pode enriquecer não apenas a comunicação, mas também a colaboração e a compreensão em contextos científicos?

Saionara: O trabalho de uma tradutora e intérprete de Libras é um trabalho de acessibilidade linguística. É parte imprescindível da vida de uma pessoa surda, seja ela pesquisadora/acadêmica ou não. As pesquisadoras surdas estão ocupando (aos poucos) os espaços anteriormente fortemente ouvintistas e esses pequenos avanços na aceitação e inclusão dessas pessoas vão além da acessibilidade linguística: as pessoas surdas necessitam ser compreendidas como pessoas políticas, com desejos e ansiedades próprios, que podem envolver a academia ou não. Para se sentirem capazes e pertencentes a qualquer esfera da sociedade, a identidade das pessoas surdas precisa ser fortalecida desde a infância, o que demanda educação de qualidade, acessível e metodologicamente coerente - bem além do serviço de Tradução e Interpretação.

Revista RTC: Na sua visão, quais são os desafios específicos enfrentados pela comunidade surda que pertence a grupos minoritários em termos de acesso à educação inclusiva e oportunidades de desenvolvimento?

Saionara: Esses desafios são amplificados pela interseção de múltiplas identidades, como etnia/raça, gênero e sexualidade, que podem intensificar as barreiras existentes e criar novas formas de exclusão. Um dos principais desafios é a discriminação e o preconceito. Pessoas surdas que também pertencem a minorias raciais, étnicas ou de gênero muitas vezes enfrentam discriminação dupla ou múltipla. O preconceito racial ou étnico, combinado com a discriminação contra a identidade surda pode resultar em um ambiente educacional hostil ou pouco acolhedor, dificultando o acesso equitativo à Educação. Além disso, a ausência de professores, administradores e modelos de papel que compartilham as mesmas identidades pode levar a um sentimento de isolamento e falta de pertencimento. A representatividade é crucial para que os estudantes se sintam valorizados e compreendidos.

Outro desafio significativo são as barreiras linguísticas e culturais. Além da barreira da comunicação em Libras, estudantes surdos de minorias étnicas podem enfrentar barreiras adicionais relacionadas à linguagem e cultura. Materiais educacionais podem não refletir suas experiências e contextos culturais, dificultando o engajamento e a compreensão. Escolas em áreas com alta concentração de minorias raciais ou étnicas frequentemente têm menos recursos, o que pode significar menos acesso a intérpretes de Libras qualificados, tecnologia assistiva e programas de apoio especializados. As desigualdades socioeconômicas também desempenham um papel importante. Minorias raciais e étnicas, bem como grupos de gênero e sexualidade diversificados, são frequentemente mais afetados por desigualdades socioeconômicas, o que pode limitar o acesso a escolas de qualidade, programas extracurriculares e outras oportunidades de desenvolvimento educacional e profissional. Além disso, estudantes surdos de minorias podem enfrentar estigmas adicionais e expectativas baixas tanto de seus pares quanto de educadores, o que pode impactar negativamente sua autoestima, motivação e desempenho acadêmico. Por fim, a falta de políticas inclusivas e sensíveis à interseccionalidade agrava esses desafios. Muitas políticas educacionais não consideram as complexidades da interseccionalidade e, sem abordagens específicas que reconheçam as múltiplas identidades dos estudantes, as medidas inclusivas podem falhar em atender às suas necessidades reais. Para enfrentar esses desafios, é essencial adotar uma abordagem interseccional na educação inclusiva. Isso inclui a implementação de políticas que reconheçam e abordem as múltiplas formas de discriminação, a promoção da diversidade e representatividade no corpo docente, e a garantia de recursos adequados para apoiar todos os estudantes. Além disso, é fundamental promover a conscientização e a formação contínua dos educadores sobre as questões interseccionais, criando um ambiente educativo verdadeiramente inclusivo e equitativo para todos.

A última entrevistada será a docente e pesquisadora Tahis Regina Baú, que é Graduada em Tecnologia em Alimentos pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (2006), mestra em Ciências de Alimentos pela Universidade Estadual de Londrina (2012) e doutora em Ciência de Alimentos pela Universidade Estadual de Londrina (2015). Atualmente é docente do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) - Campus São Miguel do Oeste, onde atuou como Coordenadora de Curso, Coordenadora de Pesquisa e Extensão e Diretora de Ensino, Pesquisa e Extensão (2016-2019). Atuou como a primeira Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (2020-2022) do IFSC. Atua como Docente Permanente do Curso de Mestrado Profissional de Tecnologia de Alimentos da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR - Câmpus Londrina e Francisco Beltrão). Orientou a estudante contemplada com o 3 lugar na Categoria Ensino Médio, do Prêmio Jovem Cientista, com o tema Segurança Alimentar e Nutricional, concedido pelo CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico em 2015. Tem experiência na área de Ciência e Tecnologia de Alimentos, atuando principalmente nos seguintes temas: microbiologia de alimentos, micro-organismos probióticos, alimentos funcionais, tecnologia de alimentos, compostos bioativos e plantas alimentícias não-convencionais.

Revista RTC: Na *live*, você destacou a área de Ciência e Tecnologia de Alimentos por sua notável presença feminina. Você poderia compartilhar algumas razões pelas quais você considera essa inclusividade singular para as mulheres nesse campo, em contraste com outras áreas da Ciência?

Tahis: Uma das principais razões que pode explicar a feminização da área de Ciência e Tecnologia de Alimentos, assim como ocorre em outras áreas como Pedagogia, Enfermagem, etc, é que estas áreas e profissões carregam consigo o estereótipo do gênero feminino. Ao longo da história, a construção social estabeleceu atividades 'tipicamente esperadas' para homens e mulheres e, da mesma forma, o contexto profissional também carrega estes estereótipos que separam alguns 'trabalhos masculinos' de 'trabalhos femininos'. Práticas de cuidado, com o lar, alimentação, educação, culturalmente foram atribuídos às mulheres, o que pode explicar o maior quantitativo do público feminino em profissões que apresentam alguma semelhança com estas atividades.

Revista RTC: Você acredita que as instituições educacionais e as organizações relacionadas às Ciências Agrárias têm implementado medidas suficientes para promover a equidade de gênero e incentivar tanto homens quanto mulheres em seus interesses e aptidões nesse campo? Se não, quais mudanças você acredita que são necessárias para alcançar esse equilíbrio e garantir oportunidades iguais para todos?

Tahis: Eu acredito que ainda há muito por fazer, principalmente quando se fala na área de Ciências Agrárias, que inclui vários outros cursos além da Tecnologia em Alimentos. Em alguns outros cursos desta grande área a presença masculina é majoritária, e os desafios para as mulheres são ainda maiores. Políticas de valorização das mulheres e incentivo são essenciais. Mas, penso que o primeiro passo é uma sensibilização dos atores que estão neste processo, pois este desequilíbrio de gênero que existe está associado a muitos fatores culturais, que vêm se propagando entre as gerações.

Revista RTC - Você destacou a importância de converter conhecimento científico em projetos de extensão para disseminar os avanços acadêmicos para a comunidade. Como você percebe o papel desses projetos na promoção da participação das mulheres na Ciência e na redução da exclusão de

meninas nas áreas de Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática (STEM), especialmente em termos de inovação e resolução de problemas complexos?

Tahis: Considero essencial aproximar a comunidade dos projetos que são desenvolvidos no ambiente acadêmico. Penso que, para superar os desafios existentes quanto à inserção das mulheres no mundo do trabalho, ocupando as posições que lhe são devidas considerando suas competências, é necessário incentivar a formação de mulheres em todas as áreas do conhecimento. Para isso, esta aproximação é fundamental, pois representa uma oportunidade de despertar o interesse para atuação nas áreas de Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática (STEM). Consequentemente, ao atrair mais mulheres para estas áreas, se estará caminhando para a desconstrução dos estereótipos de gênero nestas profissões e, assim, contribuindo para a redução das desigualdades nas relações de trabalho.



Por Alexnaldo Teixeira Rodrigues, Doutor em Estudos Interdisciplinares Sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (UFBA), e Docente do Curso de Filosofia da UEFS e Docente Titular da FVC.